

Elisa Miranda Costa
(Organizadora)

Bases Conceituais
da **Saúde 4**

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Elisa Miranda Costa
(Organizadora)

Bases Conceituais da Saúde

4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

B299 Bases conceituais da saúde 4 [recurso eletrônico] / Organizadora
Elisa Miranda Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.
– (Bases Conceituais da Saúde; v. 4)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7247-135-0
DOI 10.22533/at.ed.350191502

1. Cuidados primários de saúde. 2. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. 3. Sistema Único de Saúde. I. Costa, Elisa Miranda. II. Série.

CDD 362.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No cumprimento de suas atribuições de coordenação do Sistema Único de Saúde e de estabelecimento de políticas para garantir a integralidade na atenção à saúde, o Ministério da Saúde apresenta a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS (Sistema Único de Saúde), cuja implementação envolve justificativas de natureza política, técnica, econômica, social e cultural.

Ao atuar nos campos da prevenção de agravos e da promoção, manutenção e recuperação da saúde baseada em modelo de humanizada e centrada na integralidade do indivíduo, a PNPIC contribui para o fortalecimento dos princípios fundamentais do SUS. Nesse sentido, o desenvolvimento desta Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares deve ser entendido como mais um passo no processo de implantação do SUS.

A inserção das práticas integrativas e complementares, especialmente na Atenção Primária (APS), corrobora com um dos seus principais atributos, a Competência Cultural. Esse atributo consiste no reconhecimento das diferentes necessidades dos grupos populacionais, suas características étnicas, raciais e culturais, entendendo suas representações dos processos saúde-enfermidade.

Considerando a singularidade do indivíduo quanto aos processos de adoecimento e de saúde -, a PNPIC corrobora para a integralidade da atenção à saúde, princípio este que requer também a interação das ações e serviços existentes no SUS. Estudos têm demonstrado que tais abordagens ampliam a corresponsabilidade dos indivíduos pela saúde, contribuindo para o aumento do exercício da cidadania. Nesse volume serão apresentadas pesquisas quantitativas, qualitativas e revisões bibliográficas sobre essa temática.

Elisa Miranda Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA TÉCNICA SHANTALA COMO ATIVIDADE COMPLEMENTAR NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA	
<i>Thais Aleixo da Silva</i>	
<i>Silvana Gomes Nunes Piva</i>	
<i>Jenifen Miranda Vilas Boas</i>	
<i>Vania Menezes de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915021	
CAPÍTULO 2	15
A PROMOÇÃO DA SAÚDE ATRAVÉS DA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA: REVISÃO DA LITERATURA	
<i>Mitlene Kaline Bernardo Batista</i>	
<i>Ana Sibebe de Carvalho Mendes</i>	
<i>Isabela Ferreira da Silva</i>	
<i>Marieta Zelinda de Almeida Freitas</i>	
<i>Rebeca Carvalho Arruda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915022	
CAPÍTULO 3	24
ANÁLISE DO POTENCIAL HEMOLÍTICO DOS EXTRATOS ORGÂNICOS DE <i>PITYROCARPA MONILIFORMIS</i>	
<i>Tamiris Alves Rocha</i>	
<i>Danielle Feijó de Moura</i>	
<i>Dayane de Melo Barros</i>	
<i>Maria Aparecida da Conceição de Lira</i>	
<i>Marllyn Marques da Silva</i>	
<i>Silvio Assis de Oliveira Ferreira</i>	
<i>Márcia Vanusa da Silva</i>	
<i>Maria Tereza dos Santos Correia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915023	
CAPÍTULO 4	32
CONTRIBUIÇÕES DA AURICULOTERAPIA COMO PRÁTICA INTEGRATIVA COMPLEMENTAR NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Terezinha Paes Barreto Trindade</i>	
<i>Aelson Mendes de Sousa</i>	
<i>Fabício de Azevedo Marinho</i>	
<i>Julyane Feitoza Coêlho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915024	
CAPÍTULO 5	41
CUIDADO AO CUIDADOR: REIKI NAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE – RIO DE JANEIRO – RJ	
<i>Fernanda da Motta Afonso</i>	
<i>Renata Lameira Barros Mendes Salles</i>	
<i>Fatima Sueli Neto Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915025	

CAPÍTULO 6	51
EFEITO FISIOLÓGICO DA TÉCNICA DE IMPOSIÇÃO DE MÃOS ANÁLOGA AO TOQUE QUÂNTICO SOBRE O CRESCIMENTO INICIAL DE FEIJÃO	
<i>Ana Luisa Ballestero Kanashiro</i> <i>Anna Caroline Ribeiro Oliveira</i> <i>Isadora Rezende Mendonça</i> <i>Claudio Herbert Nina-e-Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915026	
CAPÍTULO 7	64
EFICÁCIA DA PROGESTERONA NATURAL NA PREVENÇÃO DO PARTO PRÉ-TERMO	
<i>Hugo Gonçalves Dias</i> <i>Pedro Henrique Alves Soares</i> <i>Cândida Maria Alves Soares</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915027	
CAPÍTULO 8	72
LASERTERAPIA NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DA MUCOSITE ORAL	
<i>Gustavo Dias Gomes da Silva</i> <i>Juliane Dias Gomes da Silva</i> <i>Priscyla Rocha de Brito Lira</i> <i>Rosa Maria Mariz de Melo Sales Marmhoud Coury</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915028	
CAPÍTULO 9	79
NOVA PROPOSIÇÃO A ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS: ODONTOPEDIATRIA	
<i>Anelise Crippa</i> <i>Tábata Isidoro</i> <i>Anamaria Gonçalves dos Santos Feijó</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3501915029	
CAPÍTULO 10	87
O USO DA AURICULOACUPUNTURA NO TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA	
<i>Gustavo Leite Camargos</i> <i>Alexandre Augusto Macêdo Corrêa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150210	
CAPÍTULO 11	104
USO DA TERAPIA FLORAL NA REDUÇÃO DOS SINTOMAS DAS MULHERES NO CLIMATÉRIO	
<i>Alexsandra Xavier do Nascimento</i> <i>Jéssica de Oliveira Agostini</i> <i>Felipe de Souza Silva</i> <i>Maria Benita da Silva Alves Spinelli</i> <i>Eliane Ribeiro Vasconcelos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150211	

CAPÍTULO 12 108

O USO DE FLORAIS DE BACH NO TRATAMENTO DA CHIKUNGUNYA: REVISÃO DE LITERATURA

Kelly Guedes da Silva
Ivanilde Miciele da Silva Santos
Roberta Adriana Oliveira Estevam
Willams Alves da Silva
Kristiana Cerqueira Mousinho
Gabriela Muniz de Albuquerque Melo
José Gildo da Silva
Camila Chaves dos Santos Novais

DOI 10.22533/at.ed.35019150212

CAPÍTULO 13 118

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO BENEFÍCIO NA MEDICINA TRADICIONAL, ASSOCIADO COM MEL DE ABELHA

Leonardo Silva Pontes
Marailze Pereira dos Santos
Cleomara Gomes de Souza
Maria Verônica Lins
Marcos Barros de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.35019150213

CAPÍTULO 14 123

OS MICRORGANISMOS ENDOFÍTICOS E SUAS DIVERSAS APLICAÇÕES BIOTECNOLÓGICAS

Igor Felipe Andrade Costa de Souza
Júlio César Gomes da Silva
Rosilma de Oliveira Araujo Melo
Evelyne Gomes Solidôno
Mayara Karine da Silva
Susane Cavalcanti Chang
Luana Cassandra Breitenbach Barroso Coelho

DOI 10.22533/at.ed.35019150214

CAPÍTULO 15 137

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DE HORTA FITOTERÁPICA COMUNITÁRIA EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA EM JOÃO PESSOA

Pedro Henrique Leite de Araújo
Sarah Caetano Vieira
Realeza Thalyta Lacerda Farias
Rômulo Kunrath Pinto Silva
Juliana Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.35019150215

CAPÍTULO 16 143

USO DE ÓLEOS ESSENCIAIS NA PROTEÇÃO CONTRA O *Aedes Aegypti*: REVISÃO DE LITERATURA

Willams Alves da Silva
Pedro Henrique Wanderley Emiliano
Kelly Guedes da Silva
Gabriela Muniz de Albuquerque Melo
Camila Chaves dos Santos Novais
Ivanilde Miciele da Silva Santos
José Gildo da Silva
Roberta Adriana Oliveira Estevam
Kristiana Cerqueira Mousinho

DOI 10.22533/at.ed.35019150216

CAPÍTULO 17	150
USO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO TRATAMENTO DA DOR ONCOLÓGICA	
<i>Roberta Adriana Oliveira Estevam</i>	
<i>Kelly Guedes da Silva</i>	
<i>Willams Alves da Silva</i>	
<i>Camila Chaves dos Santos Novais</i>	
<i>Gabriela Muniz de Albuquerque Melo</i>	
<i>José Gildo da Silva</i>	
<i>Ivanilde Miciele da Silva Santos</i>	
<i>Kristiana Cerqueira Mousinho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150217	
CAPÍTULO 18	161
SUPLEMENTAÇÃO DA MELATONINA COMO ALTERNATIVA TERAPÊUTICA PARA INSÔNIA	
<i>Andrey de Araujo Dantas</i>	
<i>Raphael Brito Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150218	
CAPÍTULO 19	165
ECOLOGIA DE SI: CAMINHO DE CONSCIÊNCIA DO SER COMO EXPRESSÃO DA NATUREZA	
<i>Priscylla Lins Leal</i>	
<i>Dante Augusto Galeffi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150219	
CAPÍTULO 20	174
UNINDO E COMPARTILHANDO: O MATRICIAMENTO PELA ESF COMO FACILITADOR DO ACESSO AS PICS. RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Túlio César Vieira de Araújo</i>	
<i>Mariana Carla Batista Santos</i>	
<i>Marize Barros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35019150220	
SOBRE A ORGANIZADORA	180

ECOLOGIA DE SI: CAMINHO DE CONSCIÊNCIA DO SER COMO EXPRESSÃO DA NATUREZA

Priscylla Lins Leal

Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em
Difusão do Conhecimento - DMMDC
Salvador - Bahia

Dante Augusto Galeffi

Universidade Federal da Bahia
Salvador – Bahia

RESUMO: A proposta da Ecologia de Si surge da perspectiva ecológica, de um viver do ser mais integrado com a natureza, na epistemologia do cuidado do ser, em sua inter-relação complexa com o Si mesmo. A Ecologia de si, a partir da experiência humana, se revela como um caminho emergente da consciência de si vivendo em presença, em uma jornada de autoconhecimento e autotransformação da condição humana na epistemologia do cuidado. A partir da compreensão da construção teórica histórica evolutiva do conceito de ecologia e de suas perspectivas, este trabalho objetiva realizar uma revisão bibliográfica e análise de literatura das ecologias existentes e praticadas à proposição da Ecologia de Si, numa relação de cuidado nas relações ecológicas de si, com o outro e o mundo. Do ser como expressão da natureza emerge a compreensão de ciclos estabelecendo relação com as estações do ano, os elementos da natureza e a saúde humana na visão das práticas integrativas e

complementares em saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia, consciência, estações, cuidado, pics.

ABSTRACT: The proposal of self-ecology arises from the ecological perspective, from a living of being more integrated with nature, in the epistemology of the care of the being, in its complex interrelationship with the self. Self-ecology, based on human experience, reveals itself as an emergent path of self-consciousness living in presence in a journey of self-knowledge and self-transformation of the human condition in the epistemology of care. Based on the understanding of the evolutionary theoretical construction of the concept of ecology and its perspectives, this work aims to carry out a bibliographical review and literature review of the existing ecologies and practiced to the proposition of the Ecology of Si, in a care relationship in the ecological relations of self, with the other and the world. Being as an expression of nature emerges the understanding of cycles establishing relationships with the seasons of the year, the elements of nature and human health in the vision of integrative and complementary practices in health.

KEYWORDS: Ecology, awareness, seasons, care, pics.

1 | INTRODUÇÃO

A ecologia possui diversas interações das quais originou outras denominações derivantes, tais como ecologia radical, profunda, espiritual, humana, integral, interior, social, ambiental e mental. O prefixo Eco se funde a outras expressões, cunhando outras terminologias, a exemplo de ecossistema, ecosofia, ecoespiritualidade, ecofeminismo, ecopedagogia, dentre outras.

A ecologia apresenta relevância ao ser humano enquanto condição sistêmicas na complexidade de suas relações e habitat, no ecossistema que pertence, dos organismos que o constituem, da relação com toda a dinâmica com a natureza, ao qual ele afeta e é afetado.

Voltando para a condição humana, o estudo desta casa, desta morada do ser, é de grande valor para todo o ecossistema, visto que a dinâmica humana insustentável em suas inter-relações requer uma nova aprendizagem do ser e agir, do ser em si, com o outro em senso comunidade, e com a natureza, em relações de cuidado e preservação de morada de muitos seres.

A proposta da Ecologia de si surge do desafio humano em sua inter-relação complexa com o Si mesmo. O adoecimento do corpo-mente-espírito não precisa ser o único caminho para o despertar do ser para a sua natureza. As reverberações do viver o Si mesmo em profundidade, da atenção a dinâmica de desequilibrações equilibrações, da escassez do autocuidado e cuidado nas relações do ser consigo, com o outro e com o mundo, e o impacto gerando sistemas de adoecimento sistêmicos. A ecologia de si vem de uma epistemologia do cuidado para o não viver em uma deriva de isolamento que promove o adoecimento. As práticas ecológicas fortalecem as relações de cuidado das tradições de cultura popular e das práticas integrativas e complementares como caminho que busca as origens de cura e autocura do ser em um viver mais integrado com a natureza.

Convergindo reaprendizagens do ser a partir das necessidades de cura sistêmica na ruptura de padrões, crenças e atitudes, a Ecologia de si, a partir da experiência humana, se revela como um caminho emergente da consciência de si vivendo em presença, em uma jornada de autoconhecimento e autotransformação da condição humana na perspectiva da epistemologia do cuidado do ser como expressão da natureza, emergindo a compreensão de ciclos da natureza que se relaciona com as estações do ano, os elementos da natureza e a saúde humana na visão das práticas integrativas e complementares em saúde.

A partir da compreensão da construção teórica-histórica evolutiva do conceito de ecologia e o do surgimento de novas perspectivas derivantes deste, este trabalho objetiva realizar uma revisão de literatura do tema ecologia que conduzam ao vir a ser ecologia de si.

2 | CAMINHOS PARA A ECOLOGIA DE SI

A origem do termo é considerada desconhecida, porém há pesquisadores que buscam relatar o aparecimento mais remoto do termo. Goodland (1975, p.242) apresenta como registro mais antigo de citação do termo Ecologia feito por Henry David Thoreau (1817-1862) em uma carta feita no dia de ano novo de 1858 ao seu primo George Thatcher. Da citação do termo para a sua definição que se dá em 1866, pelo biólogo alemão Ernst Heinrich Phillip August Haeckel que apresenta o termo *Oecologie*, que foi traduzido ao português como Ecologia, definindo como:

A ecologia dos organismos, a ciência de todas as relações do organismo com o mundo externo circundante, as condições orgânicas e inorgânicas da existência; a chamada “economia da natureza”, as inter-relações de todos os organismos, que ocorrem que vivem no mesmo lugar um com o outro, sua adaptação ao meio ambiente, sua transformação pela luta pela existência [...] (HAECKEL, 1866, p.539, tradução nossa).

Nesse mesmo lugar de convivência que se inter-relaciona os seres vivos e não vivos, a partir do conceito acima é que surge o entendimento mais difundido de Ecologia, relacionado a palavra grega *óikos*, que significa casa ou lugar onde se vive; *logos*, estudo; em sentido literal, estudo da casa (ODUM, 2004). Para Odum (2004, p.4) a ecologia é “o estudo das relações dos organismos ou grupos de organismos com o seu ambiente, ou a ciência das inter-relações que ligam os organismos vivos ao seu ambiente”.

A ecologia em seu caráter holístico teve, conforme Leis (1999, p.52), uma evolução inversa ao caminho de especialização da ciência “[...] teve uma evolução que poderia representar-se como a de um conjunto de raízes ou rizomas que crescem e nutrem um único tronco”. E desta terminologia se expande compreensões que representem as dinâmicas e entendimentos quantos aos aspectos, impactos, inter-relações, questões, preocupações e atuações ecológicas.

A ecosofia proposta por Guattari (2012) considera três registros ecológicos - do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana - com três rubricas das ecologias social, em práticas que modificam maneiras de ser e reconstróem as relações humanas em todos os níveis; ambiental, onde o equilíbrio natural depende das intervenções humanas em suas relações com a ecologia maquínica; e mental, na reinvenção da relação do sujeito com o corpo.

A ecologia social emerge em 1964 com o precursor Murray Bookchin, que critica a sociedade de consumo apresenta o termo e seu pensamento ecológico social em um ideário libertário anarquista. Na ecologia social, de acordo Neto (2006, p.48), “é esse Eu-ecológico o que no e pelo homem toma conhecimento de si”.

Em outra perspectiva de ação, Arne Naess em 1972 institui o termo ecologia profunda em contraste a abordagem superficial das ciências ambientais que reagiram para remediar os sintomas no controle a poluição e na busca de maneiras

sustentáveis de extração de recursos naturais, não abordando as causas sociais e culturais responsáveis de tais sintomas. Assim, o termo “ecologia profunda” surge caracterizando uma abordagem voltada não apenas para os sintomas, mas para as causas culturais inerentes à crise ambiental (NAESS, 2007, p.101). Na perspectiva ontológica da ecologia profunda, de acordo com Speranza (2006, p.43), a natureza é concebida de duas formas, “... uma expansão de nós mesmos, de modo que defendê-la é em certo sentido, defender o próprio ser, ou podemos entender a nós mesmos como uma expressão da natureza, sendo que os interesses desta são de alguma forma os nossos próprios interesses”. Para Capra (1996, p.17), a ecologia profunda é uma percepção espiritual, que quando a

... concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexidade, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda. Não é, pois, de se surpreender o fato de que a nova visão emergente da realidade baseada na percepção ecológica profunda é consistente com a chamada filosofia perene das tradições espirituais, quer falemos a respeito da espiritualidade dos místicos cristãos, da dos budistas, ou da filosofia e cosmologia subjacentes às tradições nativas norte-americanas.

Espiritualidade, para Ánandamúrti (2013), é o princípio cognitivo supremo que tem como meta a equanimidade suprema para todos os seres; posição espiritual esta que não pode ser atingida enquanto existir quaisquer pensamentos de diferenciação. A necessidade de uma nova espiritualidade, de acordo com Boff (2015), é fruto de uma nova sensibilidade à nova cosmologia advinda de todas as partes e a ecoespiritualidade faz o ser entender o trabalho de cuidado e preservação do planeta como uma incorporação do trabalho do criador que se oferece como colaboração.

A essência da verdadeira ecologia para Harland e Keepin (2016, p.15) é “[...] nos darmos conta da nossa unidade com a Teia da Vida, não apenas como um aspecto da ciência de sistemas ou como entendimento da ecologia aplicada, mas como conhecimento autêntico, como consciência”.

Para Moraes (1996), em uma visão ecológica, a leitura do mundo se faz em termos de relações e integrações. Assim, para autora, ao admitir a interdependência de todos os fenômenos e na compreensão, através de uma percepção ecológica, que os sistemas naturais estão inseridos numa totalidade maior, aceitamos que a natureza e o EU constituem uma unidade. Desta forma, reconhece-se a existência de uma consciência da unidade da vida, na inter-relação humana com os processos cíclicos da natureza.

No pensamento ecologizante de Morin (2016, p.260) que se fortalece a Ecologia de si, onde a ideia de si está constelada e ligada a um processo produtor recursivo que “com a vida, o si se torna produtor-de-si (ciclo das reproduções) e, nos seres individuais, o si cede lugar aos autos: autoorganização, autoprodução, autorreferência, e o Eu surge a partir deste processo.”. Pelo circuito recursivo, a produção e reprodução

de si mesmo emerge uma nova realidade, se concebe consciência humana, tendo o si como fonte que brota os auto do ser, como auto-eco-organização (MORIN, 2016).

Para Baumeister (1993), a partir das experiências humanas de consciência reflexiva, no conhecimento sobre si próprio e na capacidade de ter consciência é que se baseia o Si mesmo; da interpessoalidade dos relacionamentos humanos, pelos quais o indivíduo recebe informações sobre si; e a capacidade humana de agir.

Para Jung (2016), o *self*, o Si mesmo, simboliza o objetivo do homem inteiro; e dele emerge um impulso de autorrealização cuja manifestação se dá pelo instinto. Conforme Jung, o *self* é a totalidade absoluta da psique e seus processos reguladores produzem os sonhos. Os sonhos obedecem a um esquema de individuação chamado de processo de individuação, e o *self* surge quando o sonhador está vivendo momentos críticos ou de mudanças na vida.

Para Sokolowski (2014, p.128), na fenomenologia do si (*self*), “a fenomenologia é a exploração de nós mesmos em nossa humanidade”; e o si, “é disperso pelo corpo vivo e é ativo em todas as suas partes, não estacionado atrás dele. É identificável em sua inconsciência e até em sua vida corporal” (*idem*, p.138).

A produção de um olhar para fora de si conduziu a uma inconsciência em si próprio. No desconhecido manifesto revelações do ser emergem de si para Si mesmo. Em caminho fenomenológico perceptivo de consciência destas manifestações, presente na observação e no conhecimento de Si mesmo, da fluidez dos acontecimentos, se instauram expressões do ser que surgem deste mover e ser movido no mundo, e é nesta perspectiva se propõe a Ecologia de Si como mais um campo de diálogo das Ecologias.

3 | A ECOLOGIA E A RELAÇÃO DO SER NATUREZA

Na natureza, os fenômenos acontecem de forma integrada com as leis e movimentos da natureza, e a consciência que o ser humano é integrado a natureza traz maior dimensão das inter-relações existentes. Pela observação da natureza, a compreensão de ciclo surge como qualidade básica que tem seus movimentos e estações, sendo que “a vida é um fluxo constituído de ciclos assim como as estações do ano. Ciclo é outro conceito básico que os taoistas desenvolveram contemplando a Natureza (OTSU, 2016, p.25).”.

A maior medicina é a do ser com a natureza, do ser integrado na natureza, do seu sistema dialogando com os elementos da natureza. Essa sabedoria é trazida na influência e constituição do ciclo dos cinco elementos, como na teoria dos cinco movimentos -WuYun - ou elementos, como basa a Medicina Tradicional Chinesa – MTC na filosofia taoista, onde os cinco elementos são considerados como fases da energia ying -yang e “por meio das estações do ano: fogo equivale à fase da energia no verão; terra à do verão prolongado; metal à do outono; água à do inverno e madeira

à da primavera (BRASIL, 2018, p.119)”.

Pelos elementos observa-se a relação do ser humano e a natureza que, conforme Kaká Werá Jecupé (2016), o ser é um som que vestiu das quatro forças da natureza, os elementos, que estruturam o corpo material humano e assim corporificam-se. Esta relação está associada ao que ele chama de medicina primitiva da alma, que “quando estão alinhadas e harmônicas, resultam na saúde física, emocional, psíquica e espiritual (2016,p.55)” e onde “[...] existe uma misteriosa relação entre os estados mentais e as energias primordiais: terra, água, fogo e ar (2016,p.43)”. Essas energias também são conhecidas como arquétipos e “[...] na tradição tupi, a terra, a água, o fogo e o ar são entidades de consciência superior (JECUPÉ, 2016, p.46)”, sendo esta uma expressão de Tupã da renovação que se dá pelos quatro ciclos das estações. Sobre os ciclos e sua renovação o autor também afirma que:

A natureza se renova de tempos em tempos. É assim que seus ciclos nos ensinam a preciosidade deste desse comportamento! Existe a pequena renovação diária, sob o auspício do sol e da lua, do dia e da noite. Existe a renovação setenária, sób os cuidados da semana. Existe a renovação mais profunda e longa, sob a regência das estações (JECUPÉ, 2016, p.55).

Na renovação pelas estações na visão da antroposofia, “a primavera seria a primeira fase, em que nós crescemos e amadurecemos fisicamente – de 0 a 21 anos (JUSTO e BURKHARD, 2014, p.19)”. Na primavera a vida recomeça, a energia yang se manifesta gerando energia e tudo volta a pulsar no início de um novo ciclo (OTSU, 2016). Regido pelo elemento madeira, na energia do fígado e na relação com a raiva e a mágoa (BRASIL, 2018). Este ciclo de renovação chamado no tupi-guarani de “*Arapoty* – as flores que se abrem para o céu, a primavera (JECUPÉ, 2016, 56)”.

O verão é considerado o auge da vida que entra em ebulição, tem maior predominância da energia yang, na distribuição de energia, as arvores ficam mais frondosas, momentos de plenitude e abundancia da natureza (OTSU, 2016). Este ciclo é chamado no tupi-guarani de “*Arapyau*, o verão, a divina graça em expressão (JECUPÉ, 2016, 56)”. Na antroposofia “o verão, época em que as plantas se expandem, atingindo o máximo de sua vitalidade e tamanho, corresponderia à época expansiva da vida – dos 21 aos 42 anos, segunda fase (JUSTO e BURKHARD, 2014, p.19)”. Esta estação é regida pela energia do coração e pelo elemento fogo, que está relacionada com a alegria e a ansiedade (BRASIL, 2018).

O estio é considerado um prolongamento do verão, do seu final também conhecido como canícula pelos chineses; um interlúdio do fogo para terra; é regido pela eenergia do baço/pâncreas e relaciona-se com a preocupação e as questões racionais (BRASIL, 2018). Equilíbrio e plenitude na estabilização da energia yin yang, uma pausa respiratória do verão ao outono, revelando o seu próprio movimento pausa.

O outono é um momento que a natureza se transforma, as folhas cobrem o chão como um tapete; é preciso contrair, voltar-se para dentro e poupar energia,

a energia yang decresce e yin se manifesta (OTSU, 2016). É considerado pela antroposofia a “estação em que as cores se modificam, a natureza se torna colorida e os frutos amadurecem, seria a terceira fase – dos 42 aos 63 anos de idade (JUSTO e BURKHARD, 2014, p.19)”. É chamado no tupi-guarani de “*Arakuá*, o outono, que remaneja e purifica (JECUPÉ, 2016, 56)”. Tempo de amadurecimento, transição e renovação; deixar ir comportamentos repetitivos e das folhas que precisa abrir mão para seguir em frente. Regido pela energia do pulmão, relacionada com a depressão, tristeza e angústia (BRASIL, 2018).

O inverno é um momento de recolhimento da energia, repouso das pessoas em suas casas em descanso, quietude e introspecção; de estagnação e paralisação da vida, em paisagem de frio e silêncio (OTSU, 2016). Tem maior predominância da energia yin, elemento água (BRASIL, 2018; OTSU, 2016), dos sentimentos que nas águas fluem. Se relaciona com o medo e o pânico na energia do rim (BRASIL, 2018). Segundo a antroposofia marca a partir dos 63 anos a fase do anciã e quando “vem o inverno, quando a maior parte das plantas perde a força, as sementes caem no chão e lá fica, à espera de uma nova primavera (JUSTO e BURKHARD, 2014, p.19)”. Este ciclo de renovação é chamado no tupi-guarani de “*Arayma* – o tempo primeiro, o caos inicial, o seco, o inverno (JECUPÉ, 2016, 56)”.

4 | METODOLOGIA

Esse texto compõe um trabalho de pesquisa em andamento da ECOLOGIA DE SI, A POESIA DAS ESTAÇÕES DA VIDA: NAS HISTÓRIAS DE VIDA E NAS RELAÇÕES COM SAÚDE-DOENÇA-CUIDADO DOS TERAPEUTAS DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE no Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento – DMMDC financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, tendo como caminho a abordagem na fenomenologia da percepção e no método autobiográfico.

No presente trabalho a metodologia se dá pela revisão bibliográfica e análise de literatura especializada através de consulta a livros e, artigos científicos selecionados através de busca em banco de dados, que conduziram da construção teórica das ecologias existentes e praticadas à proposição da Ecologia de Si, numa relação de cuidado nas relações ecológicas de si, com o outro e o mundo.

5 | RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

A ecologia de Si surgiu como uma proposta, a partir das inter-relações de saberes ecológicos emergentes e transcendentais, de corpos vivos e vividos, de um caminho de consciência de si, em uma jornada de autoconhecimento e autotransformação da condição humana numa vivência própria e apropriada como possibilidades de imersão

mais profunda em sua própria natureza. O entendimento do ser humano se dá como uma expressão da natureza, e a ecologia de Si como consciência manifesta nas relações e integrações em interdependência sistêmicas.

A ecologia de Si urge um entendimento de dentro fora que se revele em sonhos, poesias, em artes e expressões do ser, do inconsciente, do instinto, das memórias corporais, encontrando caminhos outros de contar sua própria história. Cada ser possui de mapa pessoal, como suas vivências e memórias de suas experiências em sua jornada da vida, nas suas relações energia matéria, nos diversos níveis de consciência humana, como o físico, emocional, espiritual e outros. Ao mergulhar no universo de si mesmo, ao encontro do desconhecido, compreender a simultaneidade da sua natureza luz-sombra é um passo na aceitação da sua totalidade no caminho de compreensão de Si.

A ecologia de Si dialoga em abordagens compreensivas da ecologia além de visão fora do ser em uma natureza desmembrada do ser na relação com o mundo externo circundante, mas no entendimento da coexistência do ser natureza, onde a natureza humana emerge de dentro fora, na relação do habitat natural do seu corpo, a morada do ser; dos seus corpos e os seus níveis de consciência; de suas relações, famílias, comunidades e ecossistemas; do seu pertencimento em unicidade com o universo e vivência de suas ecologias.

Assim, a ecologia de Si considera a coexistências de todas ecologias que surgiram pela compreensão humana em determinado contexto histórico da percepção de necessidades, potencialidades e possibilidades de interação e contribuição em realidades vislumbradas por ser precursores em suas pesquisas e revelações. E deste guarda-chuva ecológico se retroalimenta as perspectivas e os elementos que conduzem a transformação humana nas suas relações, estabelecendo elos intra, inter e trans-sistêmicos.

REFERÊNCIAS

ÁNANDAMÚRTI, Shrii Shrii. **Psicologia do Yoga**. 2. ed. Brasília: Ananda Marga, 2013.

BAUMEISTER, Roy F. **Self-Esteem: the puzzle of low self-regard**. Plenum Press, New York, 1993.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direito da mãe terra**. Petrópolis. Vozes, 2015.

BRASIL. **Glossário Temático: práticas integrativas e complementares em saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Tradução Newton Roberval Eichenberg. Editora Cultrix, São Paulo: 1996.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 21. Ed. Campinas: Papirus, 2012.

GOODLAND, R. J. **The tropical origin of ecology**: Eugen Warming's jubilee. *Oikos*, v. 26, n. 2, p. 240-245, 1975. DOI: 10.2307/3543715. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3543715?seq=1#> . Acesso em: 24 de janeiro de 2018.

HAECKEL, Ernst Heinrich Phillipp August. **Natürliche Schöpfungsgeschichte**. Gemeinverständliche wissenschaftliche Vorträge über die Entwicklungslehre im Allgemeinen und diejenige von Darwin, Goethe, und Lamarck im Besonderen. Berlin, Reimer, 1868. In: The library of the University of California. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.c021366765;view=1up;seq=3>. Acesso em 31 de agosto de 2017.

HARLAND, Maddy; KEEPIN, William (org). **A canção da Terra**: uma visão de mundo científica e espiritual. Rio de Janeiro: Roça Nova, 2016.

JECUPÉ, Kaka Werá. **O trovão e o vento**: um caminho de evolução pelo xamanismo tupi-guarani. São Paulo: Polar Editorial: Instituto Arapoty, 2016.

JUNG, C. G. O homem e seus símbolos. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3.ed. especial. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.

JUSTO, Angélica Alves; BURKHARD, Gudrun K. **Biografia e doença**: abordagem biográfica de pacientes com doenças crônicas. São Paulo: Antroposófica, 2014.

LEIS, Héctor Ricardo. **A modernidade insustentável**: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea. Vozes, 1999.

MORAES, Maria Candida. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. In: Revista **Em Aberto**, Brasília, ano 16. n.70, abr./jun. 1996.

MORIN, Edgar. O método 1: a natureza da natureza. trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2016.

NAESS, Arne. Los movimientos de la ecología superficial y la ecología profunda: un resumen. Edición Especial Ética Ambiental Revista **Ambiente y Desarrollo** 23 (1): 98 - 101, Santiago de Chile, 2007.

NETO, Leon Farhi. Concepções filosóficas ambientalistas: uma análise das diferentes perspectivas. Revista **ethic@**, Florianópolis, v.5, n. 3, p. 33-56, Jul2006.

ODUM, E. P. **Fundamentos em ecologia**. 7.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

OTSU, Roberto. A sabedoria da natureza: taoísmo, I Ching, Zen e os ensinamentos essênios. 5 ed. São Paulo: Ágora, 2016.

SPERANZA, Andrea. **Ecología profunda y autorrealizacion**: introducción a la filosofía ecológica de Arne Naess. 1 ed. Buenos Aires: Biblos, 2006.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-135-0

